



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Susana Sofia da Silva Mendes

**Vitimação múltipla em estudantes
universitários do sexo masculino**

outubro de 2014



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Susana Sofia da Silva Mendes

**Vitimação múltipla em estudantes
universitários do sexo masculino**

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Psicologia

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Marlene Alexandra Veloso Matos

outubro de 2014

DECLARAÇÃO

Nome: Susana Sofia da Silva Mendes

Endereço electrónico: susanasofm@gmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 12161144

Título dissertação: Vitimação múltipla em estudantes universitários do sexo masculino

Orientadora: Marlene Alexandra Veloso Matos

Ano de conclusão: 2014

Designação do Mestrado: Mestrado Integrado em Psicologia

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

ÍNDICE

Índice de Tabelas e Gráfico	IV
Agradecimentos	V
Resumo	VI
Abstract	VII
1. Introdução	8
2. Objetivos	12
3. Metodologia	13
3.1 Amostra	13
3.2 Instrumentos	13
3.3 Procedimentos	14
3.4 Estratégias de análise de dados	15
4. Resultados	16
5. Discussão	24
6. Limitações e Implicações	26
Referências Bibliográficas	28

ÍNDICE DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1. Frequência total de vitimação ao longo da vida	17
Gráfico 1. Frequência dos tipos de vitimação interpessoal	18
Tabela 2. Frequência da vitimação interpessoal nas diferentes fases de vida	17
Tabela 3. Vitimação interpessoal ao longo da vida	20
Tabela 4. Frequência de outras experiências de vitimação e/ou adversidade	21
Tabela 5. Frequência das outras experiências de vitimação e/ou adversidade nas diferentes fases de vida	22
Tabela 6. Vitimação nas outras experiências de vitimação e/ou adversidade ao longo da vida	22
Tabela 7. Contextos de vitimação nas diferentes fases de vida	23

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Professora Doutora Marlene Matos, pela orientação prestada, reflexões e recomendações. Agradeço à Mariana Gonçalves por toda a disponibilidade, esclarecimentos e apoio durante o processo de análise estatística. Agradeço a todos os membros do grupo de investigação, pela partilha de conhecimento.

Um especial obrigado à Madalena Cunha, por me ter recebido de braços abertos nesta etapa da minha vida, pela partilha, apoio, carinho, pela sua alegria contagiante e paciência demonstrada desde que a conheci.

Obrigada a todos os meus amigos que me acompanharam desde o início deste percurso e que me apoiaram nos momentos mais difíceis. Não conseguiria ultrapassá-los sem vocês. Agradeço em especial à Isabel Mendes e à Carina Soares por toda a ajuda e apoio que me deram ao longo deste processo.

Obrigado aos meus pais, pelo esforço, sacrifício, pelo incentivo e compreensão demonstrada ao longo desta caminhada.

Obrigado à Marlene Mota por me ouvir sempre que preciso e ao Márcio Soares pela amizade demonstrada, sem vocês não conseguiria.

Obrigado a todos os meus amigos de licenciatura, com quem criei amizades para toda a vida, obrigado por todo o apoio e por me receberem como família, em especial a Cristina Azevedo, Ângela Gonçalves, Carla Meireles, Raquel Ribeiro, Susana Francisco e Tânia Dias.

Um obrigado especial ao Paulo por me ter acompanhado nesta jornada, por me ter apoiado, por toda a confiança depositada em mim e por nunca me deixar desistir mesmo nos momentos de cansaço, de *stress*, frustração e desânimo.

Obrigado a todos.

ESTA DISSERTAÇÃO FOI CONDUZIDA NO ÂMBITO DO PROJETO: “VITIMAÇÃO MÚLTIPLA DE MULHERES SOCIALMENTE EXCLUÍDAS: INTERSECÇÃO DE SIGNIFICADOS E TRAJETÓRIAS DE MUDANÇA” (PTDC/PSI-APL/113885/2009), FINANCIADO PELA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Vitimação múltipla em estudantes universitários do sexo masculino

RESUMO

A investigação internacional na área da vitimação múltipla ao longo da vida tem conhecido um crescimento exponencial. Também em Portugal começam a surgir alguns estudos a este nível. A investigação tem evidenciado que a exposição a múltiplos tipos de violência não é um fenómeno raro. O fenómeno de vitimação múltipla no sexo masculino é pouco conhecido e escassamente estudado, razão pela qual o estudo presente se assume como inovador. Este artigo pretende fazer uma análise exploratória do fenómeno junto dos universitários do sexo masculino, procurando identificar a frequência da vitimação múltipla nesta população. Simultaneamente são alvo de análise os contextos e as fases desenvolvimentais em que ocorreu vitimação ao longo da vida. O estudo incluiu 119 estudantes universitários do sexo masculino, recorrendo-se a uma metodologia quantitativa. Os resultados evidenciaram que a totalidade dos participantes sofreu pelo menos um tipo de vitimação ao longo das suas vidas, com maior frequência na fase da adolescência, tendo a perpetração ocorrido maioritariamente em contexto externo à família. Finalmente, reflectimos sobre as implicações dos resultados e avançam-se recomendações para investigações futuras, com vista a uma compreensão mais profunda sobre este fenómeno.

Palavras-Chave: Vitimação múltipla, estudantes universitários, sexo masculino; frequência; longo da vida.

Multiple victimization on male university students

ABSTRACT

The international research in the area of lifetime multiple victimization has experienced an exponential growth. Also in Portugal some studies at this level begin to emerge. Research has shown that exposure to multiple types of violence is not a rare phenomenon. The phenomenon of multiple victimization in males is poorly known, which is why this study is assumed to be innovative. This paper aims at an exploratory analysis of the phenomenon among male college students, seeking to identify the frequency of multiple victimization in this population. Simultaneously have been analyzed contexts and developmental stages in which victimization occurred throughout life. The study included 119 male college students, resorting to a quantitative methodology. The results showed that all the participants underwent at least one type of victimization throughout their lives, most commonly during adolescence, and the perpetration occurred mostly in external family context. Finally, we reflect on the implications of the results and move up recommendations for future investigations aimed at a deeper understanding of this phenomenon.

Keywords: Multiple Victimization; college students; male; frequency; lifetime.

1. Introdução

Nos últimos anos tem vindo a assistir-se a um crescente interesse científico pelo fenómeno da vitimação múltipla ao longo da vida, tendo a investigação evidenciado que a exposição a múltiplos tipos de violência não é um fenómeno residual (Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007a; Olsvik, 2010; Scott-Storey, 2011). A ilustrá-los, estudos realizados junto de mulheres vítimas demonstram que estas tendem a relatar experiências de vitimação ao longo das suas vidas, sendo raro relatarem apenas um tipo de abuso (e.g., Matos, Conde & Peixoto, 2013; Scott-Storey, 2011). Apesar de ser um fenómeno relativamente comum, estudos sobre a prevalência de vitimação focam maioritariamente tipos de violência específicos (e.g., maus tratos físicos, discriminação, agressão sexual) em contextos específicos (e.g., violência por parceiro íntimo, violência entre pares). O mesmo acontece em Portugal, sendo escasso o conhecimento sobre os vários tipos de violência, ocorridos em vários contextos, ao longo do tempo e nas diferentes etapas da vida das vítimas (Sousa, 2011).

Os estudos sobre vitimação múltipla foram maioritariamente desenvolvidos com amostras de crianças e adolescentes (Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007a), de ambos os sexos. Poucos são os que focam a idade adulta e estes foram preferencialmente desenvolvidos com participantes do sexo feminino. Tal como internacionalmente, os primeiros estudos sobre vitimação múltipla em Portugal foram desenvolvidos junto de participantes do sexo feminino com mulheres socialmente excluídas (Fernandes, 2013; Gonçalves, 2013) e com história de violência doméstica (Sousa, 2011). O fenómeno de vitimação múltipla no sexo masculino trata-se de um problema pouco conhecido e escassamente estudado, inclusive em estudos sobre formas individuais de vitimação: a vítima do sexo masculino é muitas vezes omissa, tornando-se, por isso, necessário o estudo da vitimação múltipla nesta população e noutros contextos, nomeadamente em contexto comunitário.

Atualmente, em países como a Finlândia, E.U.A., Inglaterra, Canadá e Portugal, estudos sobre a prevalência e os tipos de vitimação sofridos no sexo masculino começam a despertar interesse na comunidade científica. Num estudo realizado na Finlândia, 55% dos homens mencionaram ter sofrido de violência. Os resultados demonstraram ainda que homens que não nasceram na Finlândia estavam em maior risco de ser vítimas, o mesmo aconteceu com os homens pertencentes a uma minoria étnica, religiosa ou sexual (Heiskanen & Ruuskanen, 2011). Em Portugal, dados recolhidos através do inquérito

violência de gênero de 2008, revelaram uma prevalência de vitimação no sexo masculino de 49.7% (Lisboa, 2008). Relativamente aos tipos de vitimação mais relatados destacaram-se a violência psicológica e a violência física, perpetrada maioritariamente por desconhecidos ou colegas, e raramente pessoas com quem viviam em situação de conjugalidade ou de namoro (Heiskanen & Ruuskanen, 2011; Lisboa, 2008).

Na exploração deste tema na literatura deparamo-nos com uma série de termos referentes à vitimação ao longo da vida. Scott- Storey (2011) menciona que este fenómeno tem sido designado na literatura de distintas formas, não havendo consenso sobre um termo único. Finkelhor, Ormrod e Turner (2007a) introduziram o conceito de polivitimação que se refere a vítimas que experienciaram pelo menos quatro tipos de violência diferentes. Revitimação ou vitimação crónica também são conceitos que surgem na literatura e que se distingue do anterior, referindo-se à experiência de mais do que um episódio do mesmo tipo de violência, num determinado período de tempo (Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007c). No presente estudo foi adotada a definição de vitimação múltipla, definida como a experiência de dois ou mais tipos de crime ou violência, perpetrados por diferentes agentes, em contextos diversos, num período específico e/ou ao longo da vida (Hope, Bryan, Trickett, & Osborn, 2001; Olsvik, 2010).

Neste contexto, tem havido uma preocupação crescente em estudar os mecanismos que podem potenciar o risco para a vitimação múltipla. Finkelhor e colaboradores (2007a) referem que o acumular de experiências de vitimação pode derivar de diferentes fatores de risco nomeadamente, o ambiente familiar, os comportamentos e as características da vítima, a vitimação anterior como fator de vulnerabilidade para a coocorrência de outros tipos de vitimação, através de mecanismos como a baixa autoestima e distorções cognitivas. Outros estudos focaram-se no conceito da interseccionalidade como potenciadora de maior vulnerabilidade para a vitimação múltipla (Crenshaw, 1991; Linares, 2004; Olsvik, 2010). Estudos realizados nesta área revelaram que indivíduos com nível socioeconómico baixo, minorias étnicas, baixa escolaridade, entre outros, apresentam maior vulnerabilidade para experiencarem vários tipos de violência ao longo da vida (e.g., Olsvik, 2010; Turner, Finkelhor & Ormrod, 2006).

Os estudos sobre a prevalência e impacto psicológico referentes a este fenómeno (e.g., Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007a, 2007b, 2007c) demonstraram ser comum as crianças e jovens de ambos os sexos experiencarem elevada prevalência de vitimação múltipla, assim como de polivitimação. A título de exemplo, em apenas 1 ano, 18% dos

participantes do sexo masculino experienciaram, quatro ou mais tipos de vitimação e 69% pelo menos dois tipos de violência (Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007a). A adolescência também tem sido considerada uma fase de grande ocorrência e co-ocorrência de vitimação (Espelage, Low & Rue 2012). Um estudo conduzido nos EUA neste âmbito, cuja amostra era constituída por adolescentes de ambos os sexos, evidenciou elevadas taxas de vitimação e de vitimação múltipla. Mais concretamente, 80% reportaram ter sido vítima de violência, por parte dos pares e familiares ao longo das suas vidas, sendo que 66% deles revelaram ter sofrido pelo menos dois tipos de agressão (Turner, Finkelhor, & Ormrod, 2006).

Os estudos na área têm igualmente documentado que os universitários apresentam elevada prevalência de vitimação e relatam sofrer de múltiplos tipos de violência (Bjorklund, Hakkanen-Nyholm, Huttunen & Kunttu, 2010; Baum & Klaus, 2005; Sabina & Straus, 2008). Recentes investigações têm demonstrado que os estudantes do sexo masculino apresentam uma prevalência muito similar à do sexo feminino, principalmente em relação à violência física perpetrada por pares (Bjorklund, Hakkanen-Nyholm, Huttunen & Kunttu, 2010). Estes relatam sofrer de vários tipos de crime, nomeadamente crimes violentos como roubos, ofensas à integridade física e *stalking* (Baum & Klaus, 2005; Costa, 2011; Hart, 2003; Sabina & Straus, 2008), assim como de vitimação vicariante, nomeadamente injúrias, ameaças, furto e ofensas contra a integridade física (Costa, 2011). A literatura sugere que o risco de vitimação é mais elevado para homens jovens e diminui com o aumento da idade (Baum & Klaus, 2005; Bjorklund, Hakkanen-Nyholm, Huttunen & Kunttu, 2010). Este fator poderá ser explicado pela teoria das atividades rotineiras e pela teoria de estilos de vida, nomeadamente pelo risco de exposição, a frequência com que saem, as companhias e o contacto com potenciais perpetradores de violência, fatores que aumentam o risco de vitimação (Bedenbaugh, 2003; Costa, 2011; Fisher, Cullen & Turner, 2000; Hart, 2003; Heiskanen & Ruuskanen, 2011; Jennings, Gover & Pudrznska, 2007; Tomsich, Gover & Jennings, 2010). São também os mais jovens que apresentam elevados valores de exposição a situações potencialmente traumáticas. Num estudo realizado em Portugal, constituído por uma amostra de jovens de ambos os sexos, dos quais 24.5% eram estudantes universitários do sexo masculino, foram consideradas situações potencialmente traumáticas, os resultados revelaram que 41% da amostra tinha sofrido de acidente rodoviário e 24% relatou ter vivenciado pelo menos uma experiência traumática (Maia, Guimarães, Magalhães, Capitão, Campos & Capela, 2006). Num outro estudo realizado em Espanha, que também

avaliou experiências potencialmente traumáticas, com uma amostra de universitários de ambos os sexos (n = 317 do sexo masculino), 93.4% dos universitários do sexo masculino mencionaram ter sofrido pelo menos uma experiência potencialmente traumática ao longo da vida, maioritariamente relataram morte inesperada de alguém próximo (65.6%), doença, agressão ou acidente grave de alguém próximo (32.5%), seguido de acidente rodoviário (28.4%) (Pereda, Forns & Abad, 2013).

Sabina e Straus (2008) avaliaram a prevalência de violência psicológica, física e sexual junto de estudantes de ambos os sexos (n = 1753 do sexo masculino), 53% destes participantes sofreram polivitimação no último ano, tendo 20.3% experienciado violência física, psicológica e sexual, documentando elevadas taxas de vitimação de múltiplos tipos de violência. Por sua vez, num estudo levado a cabo na Finlândia por Bjorklund e colaboradores (2010), os autores concluíram que 51.1% dos estudantes universitários do sexo masculino experienciaram vitimação múltipla e 33% polivitimação. No que respeita aos tipos de vitimação mais relatados, destacaram-se a vitimação psicológica, violência física e vitimação vicariante (Bjorklund, Hakkanen-Nyholm, Huttunen & Kunttu, 2010; Sabina & Straus, 2008). Os autores concluíram que os estudantes do sexo masculino sofreram mais violência do que as estudantes do sexo feminino e que tipicamente esta é praticada em locais públicos por perpetradores desconhecidos ou pares (Bjorklund, Hakkanen-Nyholm, Huttunen & Kunttu, 2010).

No que respeita ao impacto, crianças, adolescentes e adultos que revelam histórias adversas têm grande probabilidade de se depararem com dificuldades ao nível cognitivo, emocional e social em relação a indivíduos que não relatam essas histórias (e.g., Costa, 2011; Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007a). No entanto, os casos mais graves ao nível de sintomatologia encontram-se fortemente ligados ao abuso na infância (e.g., Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007a; Widom, Czaja & Dutton, 2008; Sousa, 2011), aumentando a probabilidade de desajustamento psicológico. Crianças que sofreram de vitimação múltipla apresentam sintomatologia mais severa em relação a crianças que sofreram um tipo de vitimação isoladamente (e.g., Clemmons, Walsh, DiLillo & Messman-Monroe, 2007; Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007a; Turner, Finkelhor & Ormrod, 2006). Algumas das perturbações associadas a este fenómeno são a depressão, ansiedade, perturbações da personalidade e o *stress* pós-traumático (Maia, et al., 2006; Pinto & Maia, 2009). A experiência de mau trato na infância está também associada ao desenvolvimento de comportamentos de risco para a saúde (e.g., abuso de substâncias, dependência da nicotina) e problemas de saúde (e.g., doenças cardiovasculares, cancro) (Maia et al., 2006;

Pinto & Maia, 2009). No entanto, a literatura sugere que características individuais e sociais podem atuar como fatores protetores (e.g., autoestima, suporte social, inteligência) (Coker, Watkins, Smith & Brandt, 2003; Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007b). Além disso, a relação de proximidade entre a vítima e o agressor torna-se um fator importante para o desenvolvimento de sintomatologia negativa, tanto ao nível físico como psicológico (Bjorklund, Hakkanen-Nyholm, Huttunen & Kunttu, 2010).

Face ao exposto, e de forma a colmatar a escassez de estudos de vitimação múltipla no contexto português, com o presente estudo pretendeu-se fazer uma exploração do fenómeno da vitimação múltipla nos estudantes universitários do sexo masculino. Sendo um estudo de carácter exploratório realizou-se uma análise da frequência e do tipo de violência mais comum. Mais concretamente, pretendeu-se aferir a presença/ausência de vitimação de cariz interpessoal (e.g., violência psicológica, física, sexual, vitimação vicariante) e de outras experiências de vitimação e/ou adversidade (e.g., acidentes, desastres naturais, crime contra a propriedade), sucessivas ou concomitantes, nos diferentes contextos e em diferentes períodos das suas vidas (infância, adolescência, idade adulta). Também se pretendeu verificar se a interseccionalidade se relaciona com a vitimação múltipla.

2. Objetivos

O presente estudo visa, junto de uma amostra de jovens universitários masculinos: (1) identificar a frequência de vitimação múltipla; (2) aferir a frequência de diferentes tipos de vitimação nos diferentes períodos de vida; (3) identificar os contextos em que ocorre a vitimação; (4) aferir se a vitimação varia em função das variáveis sociodemográficas e da intersecção de determinadas dimensões (e.g., raça, classe social, estatuto socioeconómico).

3. Metodologia

3.1 Amostra

Na medida em que se trata de um estudo exploratório, e de forma a responder aos objetivos propostos, a recolha da amostra foi por conveniência. Participaram no estudo 158 estudantes universitários do sexo masculino, dos quais apenas 119, com idades compreendidas entre os 18 e 63 anos ($M = 26.13$, $DP = 8.08$) concluíram o inventário até ao fim, sendo esta a amostra considerada para a análise dos resultados.

No que concerne aos dados sociodemográficos: 99% dos participantes eram de nacionalidade Portuguesa; 93% de etnia caucasiana; 88% habitantes da região norte do país; maioritariamente da zona urbana (67%). Quanto ao estado civil, 82% mencionou ser solteiro; com condições de habitabilidade confortáveis (61%); cuja fonte de rendimento provinha de familiares (55%) e de nível socioeconómico médio (49%). Em maior número referiram ter estatuto académico de estudante (71%). Participaram alunos de várias universidades de diferentes zonas do país (e.g., Lisboa, Porto, Região Autónoma da Madeira e dos Açores), de diferentes áreas académicas (e.g., Psicologia, Engenharia Mecânica, Medicina, Relações Internacionais) sendo que 2% dos participantes pertenciam a universidades privadas e 98% públicas.

3.2 Instrumentos

Para avaliar a vitimação múltipla nos universitários do sexo masculino, foi adaptado e traduzido o instrumento *The Lifetime Trauma and Victimization History* (LTVH) para uma versão *online* capaz de permitir uma análise quantitativa dos dados recolhidos. O instrumento LTVH, da autoria de Widom, Dutton, Czaja e DuMont é originalmente uma entrevista semiestruturada constituída por 30 itens, cujo objetivo é a compreensão de histórias de vitimação ao longo da vida (Widom, Czaja & Dutton, 2008).

Neste estudo o instrumento LTVH, foi transformado num questionário de autorrelato constituído por 34 itens; cada item considerou os diferentes períodos de vida do indivíduo: infância (dos 0 aos 12); adolescência (dos 12 aos 17 anos) e idade adulta (a partir dos 18 anos), também recolheu informação sobre os contextos de ocorrência da vitimação. Neste inventário foram abordadas questões sobre a vitimação interpessoal e outras experiências de vitimação e/ou adversidade. Os tipos de vitimação dividiram-se da seguinte forma, **Violência Interpessoal: Violência psicológica/ameaças**, itens 1, 2, 4, e 32 (e.g., *Alguma vez te chamaram nomes ou ofenderam/humilharam através de palavras; Alguma vez ameaçaram bater-te ou magoar-te?*); **Violência física**, itens 3 e 5 (*Alguma*

vez te bateram, deram pontapés, murros, empurrões, bofetões, ou foste espancado?); **Abuso sexual**, item 6 (*Alguma vez alguém tentou ou te forçou a ter atividades ou contatos sexuais?*); **Negligência**, item 8 (*Alguma vez alguém te negou ou não te deu os cuidados básicos ou ajuda que precisavas?*); **Discriminação**, item 7 (*Alguma vez foste discriminado, excluído ou foste tratado como inferior ou como não tendo valor?*); **Vitimação vicariante**, itens 9, 12, 21 e 23 (e.g., *Alguma vez viste outra pessoa sofrer da violência referida anteriormente? (verbal, ameaças, física, sexual, discriminação, negligência)*); **Vitimação em instituições públicas** itens 10 e 11 (e.g., *Alguma vez tiveste contato com tribunais, polícia, segurança social, emergência médica? Em algum desse contatos foste tratado de forma injusta, foste incompreendido, discriminado ou excluído?*); **Stalking**, item 29 (*Alguma vez, foste perseguido ou assediado por alguém?*); **Cyberstalking**, item 33 (*Alguma vez te sentiste perseguido ou ameaçado através da utilização de novas tecnologias?*); **Mobbing**, item 19 (*Alguma vez, no teu trabalho ou emprego, sofreste um ou mais tipos de violência?*); **Extorsão**, item 31 (*Alguma vez, alguém se aproveitou de ti, por estares numa situação económica ou social desfavorecida?*); **Rapto** (*Alguma vez, foste raptado ou mantido em cativo?*) e **Roubo**, item 28 (*Alguma vez alguém tentou ou roubou algo teu, fazendo uso da força ou ameaçando usar da força (e.g., assalto à mão armada, carjacking)*). O inventário incluiu ainda questões relativas a **Outras experiências de vitimação e/ou adversidade** ao longo da vida, sendo que as experiências foram sub-divididas em: **Situações de Adversidade**, itens 13, 15, 16, 18, 20 e 22 (e.g., *Alguma vez foste vítima de um tornado, furacão, inundação ou terramoto? Já viveste numa zona de guerra?*); **Crimes Contra a Propriedade**, itens 24, 25, 26 e 27 (e.g., *Já alguma vez alguém, de propósito, tentou ou destruiu propriedade tua? (ou de outra pessoa); Já alguma vez alguém tentou ou arrombou a tua casa, garagem, armazém, etc., quando estavas ausente?*) e **Acidentes**, itens 14 e 17 (e.g., *Alguma vez, foste vítima de um incêndio, acidente rodoviário, acidente de comboio, acidente aéreo, aluimento de terras, colapso de um edifício?*).

Foi também elaborado um questionário sociodemográfico, com o objetivo de caracterizar os participantes (e.g., idade; nacionalidade; etnia/raça; região onde habita; zona onde habita; condições de habitabilidade; nível socioeconómico).

3.3 Procedimentos

Para aceder aos participantes o inventário foi aplicado *online*. Esta opção deveu-se a vários fatores: (1) o grupo alvo deste estudo utiliza as novas tecnologias de forma

muito frequente, tornando a divulgação fácil e rápida; (2) a possibilidade de pedido de esclarecimento dos participantes em caso de dúvida, obtendo uma resposta rápida e o alcance de uma população dispersa, neste caso alunos das universidades contactadas em várias zonas do país. Inicialmente procederam-se aos contatos com várias universidades (e.g., Universidades do Minho, de Coimbra, da Madeira, dos Açores) solicitando a divulgação do estudo nos endereços eletrónicos institucionais dos alunos. Foi divulgada uma mensagem onde foram explicados os objetivos do estudo e os seus aspetos éticos, nomeadamente a participação voluntária e a confidencialidade, bem como os critérios para a participação (ter no mínimo 18 anos de idade e ser do sexo masculino). A aplicação *online* do inventário esteve disponível durante dois meses (entre Fevereiro de 2014 e Março de 2014), depois de encerrado, procedeu-se à análise dos dados.

Por questões éticas, e tendo em conta que este inventário poderia suscitar ativação emocional e o investigador estava ausente, não tendo a possibilidade de ajudar à estabilização emocional, no final do preenchimento do inventário *online* foi fornecida a informação de que os participantes poderiam recorrer ao serviço de psicologia da Universidade do Minho caso sentissem essa necessidade.

3.4 Estratégia de análise de dados

O tratamento e análise de dados foi realizado com base na metodologia quantitativa, nomeadamente análise estatística descritiva univariada, com recurso ao *Statistical Package for Social Sciences – SPSS for Windows* (IBM, 2013).

4. Resultados

Todos os participantes mencionaram ter sofrido pelo menos um tipo de vitimação ao longo das suas vidas ($M = 4.19$, $DP = 2.682$). A tabela 1 apresenta os resultados da frequência de experiências de vitimação ao longo da vida dos participantes ($mín = 1$, $máx = 14$). Os resultados sobre o total de vitimação demonstraram que 50% dos participantes sofreram de polivitimação, ou seja, foram alvo de quatro ou mais tipos de vitimação ao longo da vida; por sua vez, 43% sofreram de vitimação múltipla, ou seja, sofreram no mínimo dois tipos de vitimação. Apenas 8% reportaram ter sofrido uma forma única de vitimação.

A Tabela 1 descreve também a frequência com que os participantes sofreram vitimação interpessoal (e.g., violência psicológica, física, discriminação, negligência, abuso sexual, vitimação vicariante e institucional) e outras experiências de vitimação e/ou adversidade (e.g., crimes contra a propriedade, acidentes rodoviários). A esse nível, a maioria dos participantes (61%) mencionou ter sofrido de vitimação única ($M = 1.75$, $DP = 1.310$). Dos restantes 29% relataram ter sofrido de pelo menos dois tipos de vitimação interpessoal, ou seja, vitimação múltipla e 10% reportaram uma condição de polivitimação. Somente 1% mencionou não ter sofrido nenhum tipo de vitimação interpessoal. Quanto às outras experiências de vitimação e/ou adversidade ($M = 2.45$, $DP = 1.867$), 50% dos participantes mencionaram ter sofrido de vitimação múltipla, 21% de polivitimação e 17% de vitimação única. Finalmente, 13% menciona não ter sofrido qualquer tipo de outras experiências de vitimação e/ou adversidade.

Tabela 1.

Frequência total de vitimação ao longo da vida

	Sem Vitimação	Vitimação única	Vitimação Múltipla	Polivitimação
	% (N)	% (N)	% (N)	% (N)
Violência interpessoal	1 (1)	61 (72)	29 (34)	10 (12)
Outras experiências de vitimação e/ou adversidade	13 (15)	17 (20)	50 (59)	21 (25)
Total de Vitimação	-	8 (9)	43 (51)	50 (59)

O Gráfico 1 corresponde à frequência dos tipos de vitimação interpessoal auto-relatados pelos participantes. Os tipos de vitimação mais relatados foram a violência psicológica/ameaças (98%) e a vitimação vicariante (98%). Seguiu-se a violência física (70%); o roubo (40%) a discriminação (30%); o cyberstalking (21%); o mobbing (16%); o stalking (17%). Os valores menos expressivos referiam-se à negligência (7%), a vitimação institucional (5%), a extorsão (4%), o rapto (3%) e, por fim, o abuso sexual (1%).

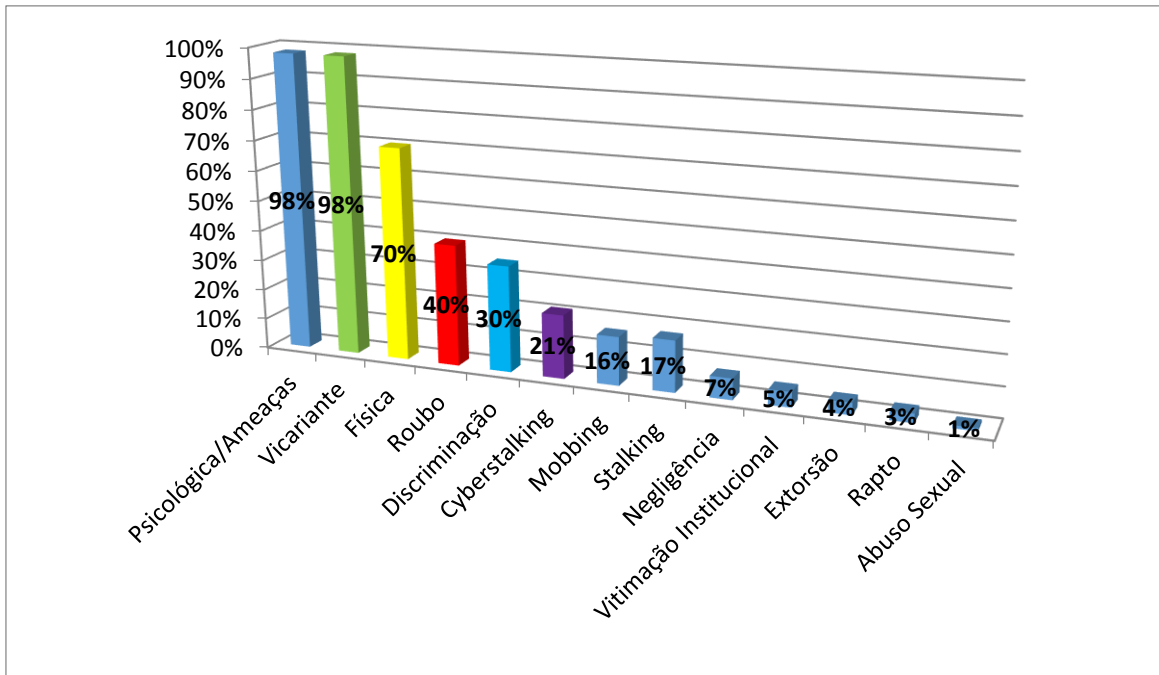


Gráfico 1.

Frequência dos tipos de vitimação interpessoal

A Tabela 2 refere-se à frequência dos tipos de vitimação interpessoal ocorrida ao longo das diferentes etapas de vida. Assim, na **infância** os valores são menos expressivos para os vários tipos de violência: violência psicológica/ameaças (8%), violência física (4%), vitimação vicariante (4%), na discriminação (2%) e no roubo (1%). Na **adolescência** destaca-se a violência psicológica/ameaças (48%), seguida da vitimação vicariante (25%), roubo (17%), a violência física (13%), discriminação (11%), seguindo-se o cyberstalking (5%) e o stalking (4%). Na **idade adulta**, destaca-se a violência psicológica/ameaças (24%), a vitimação vicariante (23%), roubo (13%), seguindo-se a violência física (13%), a discriminação (11%), o stalking e o cyberstalking (ambos com 11%) e o abuso sexual (1%).

Tabela 2.

Frequência da vitimação interpessoal nas diferentes fases de vida

	Infância	Adolescência	Idade Adulta
Psico/Ameaças	8%	48%	24%
Vicariante	5%	25%	23%
Física	4%	13%	13%
Discriminação	2%	11%	11%
Institucional	-	1%	4%
Negligência	-	-	1%
Stalking	-	4%	11%
Rapto	-	-	2%
Extorsão	-	-	4%
Cyberstalking	-	5%	11%
Roubo	1%	17%	13%
Abuso Sexual	-	-	1%

A Tabela 3 destaca a frequência relatada de vitimação interpessoal ao longo da vida, no que respeita aos diferentes tipos de vitimação. Destacam-se os seguintes resultados: na **infância e adolescência** 19% referiram ter sofrido de violência psicológica/ameaças. Nas fases da **adolescência e idade adulta**, 17% dos participantes relataram ter sofrido de vitimação vicariante. Nas **três fases da vida** 13% relataram ter sofrido de violência psicológica/ameaças e 10% dos participantes de vitimação vicariante.

Tabela 3.

Vitimação interpessoal ao longo da vida

	Infância e Adolescência	Infância e Idade Adulta	Adolescência e Idade Adulta	Nas três Fases
Psico/Ameaças	19%	-	9%	13%
Vicariante	4%	1%	17%	10%
Física	5%	-	2%	3%
Discriminação	7%	-	4%	4%
Institucional	1%	-	-	-
Negligência	2%	-	1%	-
Stalking	-	-	2%	-
Rapto	1%	-	-	-
Extorsão	-	-	-	-
Cyberstalking	-	-	6%	-
Roubo	-	2%	-	-
Abuso Sexual	-	-	-	-

A Tabela 4 corresponde à frequência de outras experiências de vitimação e/ou adversidade. A maioria dos participantes relatou ter sofrido de **acidentes**, nomeadamente acidentes rodoviários, de comboio, aéreo, aluimento de terras, incêndio (50%). Mencionaram também de forma bastante expressiva os **crimes contra a propriedade**, nomeadamente, furto (44%), destruição de propriedade (27%), arrombamento de propriedade privada, na ausência do próprio (25%) e arrombamento de propriedade privada, na presença do próprio (6%). Quanto às **situações de adversidade**, 24% referiram que um familiar ou amigo tentou ou cometeu suicídio, seguindo-se de familiar ou amigo que foi assassinado ou gravemente ferido (10%), os resultados seguintes foram menos expressivos: 8% foram expostos a produtos químicos ou radioativos, 6% estiveram envolvidos em dinâmicas de grupo (e.g., gangues), seguindo-se as vítimas de um desastre natural (5%) (e.g., tornado) e, por fim, terem vivido em zona de guerra (4%).

Tabela 4.

Frequência de outras experiências de vitimação e/ou adversidade

Situações de Adversidade	
<i>Alguma vez foste vítima de um tornado, furacão, inundação ou terramoto?</i>	5%
<i>Já viveste numa zona de guerra?</i>	4%
<i>Alguma vez foste exposto a produtos químicos perigosos ou radioatividade?</i>	8%
<i>Já tiveste algum familiar chegado, parceiro ou amigo próximo que tivesse tentado/cometido suicídio?</i>	24%
<i>Já tiveste algum familiar chegado, parceiro ou amigo próximo que tivesse sido assassinado ou gravemente ferido?</i>	10%
<i>Alguma vez estiveste envolvido em experiências de combate ou guerra, incluindo tiroteios, brigas de grupos rivais ou gangues?</i>	6%
Crimes contra a propriedade	
<i>Já alguma vez alguém, de propósito, tentou ou destruiu propriedade tua (ou de outra pessoa)?</i>	27%
<i>Já alguma vez alguém tentou ou arrombou a tua casa, garagem, armazém, etc., quando estavas ausente?</i>	25%
<i>Já alguma vez alguém tentou ou arrombou a tua casa, garagem, armazém, etc., quando estavas presente?</i>	6%
<i>Já alguma vez alguém tentou ou roubou algo teu sem te ameaçar ou sem fazer uso da força (e.g., furto de carteira)?</i>	44%

Acidentes

Alguma vez, foste vítima de um incêndio, acidente rodoviário, acidente de comboio, acidente aéreo, aluimento de terras, colapso de um edifício? **50%**

Alguma vez tiveste um grave acidente de trabalho, em casa ou em outro lugar? **5%**

A Tabela 5 refere-se à frequência de outras experiências de vitimação e/ou adversidade ocorridas ao longo das diferentes fases de vida. Essas experiências ocorreram sobretudo na idade adulta: os **acidentes** foram os mais autorelatados pelos participantes (34%), seguindo-se dos **crimes contra a propriedade** na (31%) quanto às **outras experiências de vitimação** (17%). Na adolescência, foram relatados sobretudo crimes contra a propriedade (28%).

Tabela 5.

Frequência das outras experiências de vitimação e/ou adversidade nas diferentes fases de vida

	Infância	Adolescência	Idade Adulta
Situações de Adversidade	7%	14%	21%
Crimes contra a Propriedade	5%	28%	31%
Acidentes	4%	8%	34%

A Tabela 6 fornece informação sobre a vitimação nas outras experiências de vitimação e/ou adversidade ao longo da vida. Os resultados são pouco expressivos, não se destacando qualquer padrão.

Tabela 6.

Vitimação nas outras experiências de vitimação e/ou adversidade ao longo da vida

	Infância e Adolescência	Infância e Idade Adulta	Adolescência e Idade Adulta	Nas três Fases
Situações de Adversidade	6%	1%	1%	1%
Crimes contra a Propriedade	3%	2%	8%	1%
Acidentes	-	3%	4%	1%

A Tabela 7 refere-se aos contextos de ocorrência de vitimação nas diferentes fases de vida. O contexto **extrafamiliar** foi o espaço de ocorrência mais frequente nas diferentes fases de vida: adolescência (66%), idade adulta (50%) e infância (35%). A ocorrência de vitimação nos contextos **intrafamiliar e extrafamiliar** apresenta valores algo expressivos nomeadamente na adolescência (26%), na infância (15%) e na idade adulta (15%).

Tabela 7.

Contextos de vitimação nas diferentes fases de vida

	Extrafamiliar	Intrafamiliar	Intra e Extrafamiliar
Infância	35%	5%	15%
Adolescência	66%	9%	26%
Idade Adulta	50%	3%	15%

5. Discussão

No presente estudo procurou-se conhecer a frequência de vários tipos de vitimação e experiências adversas ao longo da vida dos estudantes universitários do sexo masculino.

Os valores obtidos evidenciam congruência com os apontados pela literatura ao nível da frequência da vitimação, dos diferentes tipos de violência sofridos e dos contextos de ocorrência da violência (e.g., Costa, 2011; Espelage, Low & Rue 2012; Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007a). Os resultados revelam que os participantes experienciaram um elevado número de vitimação. Todos os participantes sofreram pelo menos um tipo de vitimação ao longo da vida, sendo que em média sofreram entre 4 a 5 vitimações, o que sugere que a coocorrência de vitimação não é um evento raro (e.g., Olsvik, 2010; Scott-Storey, 2011).

A vitimação interpessoal no sexo masculino, nomeadamente a violência direta e indireta tendem a ser bastante relatadas (e.g., Bjorklund, Hakkanen-Nyholm, Huttunen & Kunttu, 2010; Lisboa, 2008; Sabina & Straus, 2008); a maioria dos participantes foi vítima de vitimação múltipla, o que significa que sofreu pelo menos dois tipos de vitimação. Cerca de ¼ relata ter sofrido de quatro ou mais tipos de vitimação interpessoal, o que evidencia que sofreram de polivitimação (e.g., Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007c; Sabina & Straus, 2008). A literatura demonstra que os universitários do sexo masculino sofrem de um elevado número de crimes violentos (e.g., Baum & Klaus, 2005; Costa, 2011). Tal como em outros estudos (Heiskanen & Ruuskanen, 2011; Lisboa, 2008) os tipos de violência mais sofridos pelos participantes foram a violência psicológica e a vicariante, seguida da violência física e o roubo que também foram expressivamente relatados. Os participantes relataram elevada coocorrência de vários tipos de vitimação, sugerindo que uma forma de vitimação surge quase sempre associada a outras formas de vitimação (e.g., Olsvik, 2010; Scott-Storey, 2011).

Adicionalmente, mais de metade dos participantes sofreu de outras experiências de vitimação e/ou adversidade, principalmente nos crimes contra a propriedade como o furto, desse modo estes dados vão de encontro a alguns estudos que averiguaram o crime de furto, como um crime bastante sofrido nesta população em específico, o que poderá estar relacionado com a maior frequência de espaços públicos (e.g., Costa, 2011). Relativamente à exposição a situações potencialmente traumáticas e de acordo com a literatura um número elevado de universitários manifesta ter experienciado pelo menos

uma situação potencialmente traumática (e.g., Pereda, Forns & Abad, 2013). Os acidentes de viação foram o acontecimento mais relatado, resultado este que é consistente com outros estudos que revelam este acontecimento como uma realidade comum na população Portuguesa (Maia et al., 2006). Também a tentativa de suicídio por familiar ou amigo próximo revela um valor expressivo, o que poderá ser uma experiência com maior impacto negativo, tendo em conta que a morte de alguém próximo, poderá ser o acontecimento potencialmente traumático mais perturbador (Maia & Resende, 2008).

No que respeita às fases de vida em que ocorreu a vitimação, tal como demonstra a literatura (e.g., Espelage, Low & Rue 2012; Turner, Finkelhor, & Ormrod, 2010), a adolescência e a idade adulta, apresentam-se como as fases em que os universitários do sexo masculino relatam ter sofrido com maior frequência vitimação interpessoal direta, nomeadamente a violência psicológica, e indireta, a vitimação vicariante, assim como outras experiências de vitimação e/ou adversidade, tais como os crimes contra a propriedade. Na idade adulta, os acidentes (e.g., rodoviários), os crimes contra a propriedade (e.g., furto) e as situações de adversidade (e.g., tentativa de suicídio por parte de alguém próximo) são os tipos de violência mais autorelatados, o que poderá ser explicado pela natureza dos tipos de vitimação (e.g., acidente rodoviário, se foi o próprio a conduzir teria de ser maior de idade).

Por outro lado, e de forma consistente com a literatura (e.g., Espelage, Low & Rue 2012), a revitimação na vitimação interpessoal, nomeadamente a violência psicológica/ameaças e a vitimação vicariante, apresentam também resultados expressivos nestas fases de vida (adolescência e idade adulta), o que poderá evidenciar a existência de um padrão de vitimação contínua. A elevada frequência destes tipos de vitimação poderão estar relacionadas com o facto de os indivíduos estarem inseridos num ambiente em que o ritual da praxe académica é comum, podendo levar ao relato da coocorrência destes tipos de violência (Costa, 2011). No entanto, o mesmo não acontece com os dados referentes às outras experiências de vitimação e/ou adversidade, o que poderá ser explicado pelos tipos de vitimação menos frequentes (e.g., desastre natural, furto).

A fase da infância surge como a fase em que os participantes relataram pouca ou nenhuma vitimação. Isso poderá funcionar como um fator protetor tendo em conta que a violência exercida na infância poderá potenciar vitimação posterior (Bjorklund, Hakkanen-Nyholm, Huttunen & Kunttu, 2010). Porém, esse resultado poderá também estar relacionado com a deterioração da memória na recordação dos eventos ocorridos na infância (Cuevas, Sabina & Milloshi, 2012).

Quanto ao contexto de ocorrência da vitimação, os resultados são consistentes com outros estudos (e.g., Bjorklund, Hakkanen-Nyholm, Huttunen & Kunttu, 2010) em que a vitimação sofrida pelos universitários do sexo masculino ocorreu, em grande parte, em contextos externos à família, inclusive em todas as fases de vida. Os perpetradores foram maioritariamente desconhecidos ou pares. A teoria das atividades rotineiras e de estilos de vida, concretamente a frequência com que saem e a maior interação em locais públicos, sugere que os estilos de vida dos participantes poderam explicar os resultados obtidos influenciado a uma maior vulnerabilidade para a vitimação (Bedenbaugh, 2003; Costa, 2011; Fisher, Cullen & Turner, 2000; Hart, 2003; Heiskanen & Ruuskanen, 2011; Jennings, Gover & Pudrznska, 2007; Tomsich, Gover & Jennings, 2010).

Vários são os estudos que mencionam a interseccionalidade como fator de risco para a vitimação múltipla (e.g., Crenshaw, 1991; Linares, 2004; Olsvik, 2010), no entanto no nosso estudo não nos foi possível detetar associação entre a interseção das variáveis sociodemográficas e a vitimação, devido à homogeneidade da amostra.

Em suma, este estudo demonstra, de forma clara, que há uma elevada coocorrência de várias formas de vitimação, quer nas diferentes fase de desenvolvimento e ao longo da vida. Seria importante para investigações futuras aumentar o número da amostra de modo a torná-la mais representativa, assim como mais heterogénea ao nível sociodemográfico. Aconselham-se a realização de análises sobre as dinâmicas associadas à vitimação, sobre o impacto da vitimação na vida dos participantes, assim como a presença/ausência de sintomatologia, fatores de risco associados e fatores de resiliência. Uma vez que este fenómeno apresenta uma grande complexidade, os investigadores têm avançado com a necessidade da realização de estudos longitudinais, com a possibilidade de fazer a triangulação entre estudos quantitativos e qualitativos (Olsvik, 2010). Outros mencionam também a necessidade de uma visão mais ampla sobre os fatores ambientais (e.g., pobreza) que podem potenciar, ou não, a co-ocorrência de vitimação (Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007a). O objetivo será obter uma maior compreensão das vulnerabilidades, assim como a resiliência das pessoas que sofrem de vitimação múltipla (Olsvik, 2010).

6. Limitações e Implicações

Este estudo contribuiu para o aumento de conhecimento sobre experiências de vitimação múltipla, verificando-se que os estudantes universitários sofrem uma elevada frequência de vitimação numa panóplia de crimes, enfrentámos algumas limitações; ao

nível da qualidade e da diversidade da amostra, o processo de amostragem por conveniência, por si só, tende a incluir amostras tendencialmente homogêneas. Neste estudo verificou-se grande homogeneidade da amostra em relação aos dados sociodemográficos, impossibilitando a análise de fatores de interseção, assim como é um problema ao nível da generalização dos resultados obtidos. Tratando-se de um estudo retrospectivo, no que respeita à vitimação por fase de vida, os participantes poderão ter sofrido de deterioração na memória na recordação dos eventos ocorridos na infância, por comparação àqueles ocorridos na idade adulta, por serem os mais recentes (Cuevas, Sabina & Millosi, 2012).

Não obstante às limitações não poderíamos deixar de mencionar algumas implicações que emergem com os resultados deste estudo. A ocorrência e coocorrência de múltiplos tipos de vitimação (interpessoal, estrutural) acontecem com elevada frequência na vida dos estudantes universitários do sexo masculino, o que implica a necessidade de informar e sensibilizar (e.g., campanhas publicitárias, divulgação de dados) a opinião pública para que o estigma de que os elementos do sexo masculino não são vítimas, se dilua. Os dados obtidos foram bastante expressivos nos acidentes rodoviários, furtos, roubos, assim como crimes contra a propriedade. Estes dados poderão ser úteis para a polícia Portuguesa, no desenvolvimento de campanhas de prevenção, de modo a diminuir a probabilidade da ocorrência destes crimes/acidentes. Os resultados deste estudo também têm implicações para os profissionais de psicologia que trabalham nas universidades, sugerindo que estes devam fazer uma avaliação completa dos diferentes tipos de violência/crime ao longo da vida dos estudantes para que a intervenção seja mais completa e adequada aos vários casos de vitimação e adversidade que procuram ajuda nesses serviços.

Referências Bibliográficas

- Bados, A., Toribio, L., & García-Grau, E. (2008). Traumatic events and tonic immobility. *The Spanish Journal of Psychology, 11*, 516-521.
- Baum, B. K., & Klaus, P. (2005). Violent Victimization of College Students, 1995-2002. *Bureau of Justice Statistics, 6*, 1-7.
- Bedenbaugh, C. (2003). *Measuring fear of crime on campus: a study of an urban university*. University of Louisiana at Lafayette.
- Bjorklund, K., Hakkanen-Nyholm, H., Huttunen, T., & Kunttu, K. (2010). Violence victimization among Finnish university students: Prevalence, symptoms and healthcare usage. *Social Science & Medicine, 70*, 1416 – 1422.
- Branco, P. (2008). Do género à interseccionalidade: considerações sobre mulheres hoje e em contexto Europeu. *Julgar, 4*, 103-117.
- Coker, A. L., Watkins, K. W., Smith, P. H. & Brandt, H. M. (2003). Social support reduces the impact of partner violence on health: application of structural equation models. *Preventive Medicine, 37*, 259-267. doi: 10.1016/S0091-7435(03)00122-1
- Costa, F. A. (2011). *Vitimação criminal nos Campi Universitários (UMinho): da prevalência às medidas de autoproteção* (Dissertação de mestrado). Universidade do Minho, Braga.
- Clemmons, J. C., Walsh, K., DiLillo, D., & Messman-Moore, T. L. (2007). Unique and combined contributions of multiple child abuse types and abuse severity to adult trauma symptomatology. *Child Maltreatment, 12*, 172-181.
- Crenshaw, K. (1991). Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review, 43*, 1241-1299. Consultado em <http://multipleidentitieslgbtq.wiki.westga.edu/file/view/Crenshaw1991.pdf>
- Cuevas, C., Sabina, C. & Milloshi, R. (2012). Interpersonal Victimization Among a National Sample of Latino Women. *Violence Against Women, 18*, 377-403.
- Espelage, D. L., Low, S., & Rue, L. (2012). Relations between peer victimization subtypes, family violence, and psychological outcomes during early adolescence. *Psychology of Violence, 2*, 313-324.
- Fernandes, C. (2013). *Vitimação múltipla de mulheres socialmente excluídas: da prevalência à significação* (Dissertação de mestrado). Universidade do Minho, Braga.

- Fisher, B.; Cullen, F.; Turner, M. (2000). The sexual victimization of college women. *Bureau of Justice Statistics*, 5, 1-39.
- Finkelhor, D., Ormrod, R. K., & Turner, H. A. (2007a). Polyvictimization and trauma in a national longitudinal cohort. *Development and Psychopathology*, 19, 149-166.
- Finkelhor, D., Ormrod, R. K., & Turner, H. (2007b). Re-victimization patterns in a national longitudinal sample of children and youth. *Child abuse & neglect*, 31, 479–502. doi:10.1016/j.chiabu.2006.03.012
- Finkelhor, D., Ormrod, R. K., & Turner, H. A. (2007c). Poly-victimization: A neglected component in child victimization. *Child Abuse Neglect*, 31, 7-2.
- Finkelhor, D., Ormrod, R., Turner, H., & Holt, M. (2009). Pathways to poly-victimization. *Child maltreatment*, 14, 316–29. doi:10.1177/1077559509347012
- Finney, A. (2006). *Domestic violence, sexual assault and stalking: findings from the 2004/05 British crime Survey*. Home Office Online Report 12/06. London: Home Office. Consultado em 21 de Maio de 2013 através de <http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20110220105210/rds.homeoffice.gov.uk/rds/pdfs06/rdsolr1206.pdf>.
- Gonçalves, R. (2013). *História de vida de mulheres socialmente excluídas e multiplamente vitimadas* (Dissertação de mestrado). Universidade do Minho, Braga.
- Hart, T. (2003). Violent Victimization of college students. *Bureau of Justice Statistics*, 8, 1-8.
- Heiskanen, M., & Ruuskanen, E. (2011). *Men's experiences of violence in Finland 2009*. European institute for crime prevention and control, affiliated with the United Nations. Helsinki, Finland.
- Hope, T., Bryan, J., Trickett, A., & Osborn, D. R. (2001). The Phenomena of Multiple Victimization. *The British Journal of Criminology*, 41, 595-17.
- IBM (2013). *SPSS - Statistical Package for Social Sciences*. IBM Corporation, Licence 2013.
- Jennings, W.; Gover, R.; Pudrznska, D. (2007). Are institutions of higher learning safe? A descriptive study of campus victimization among male and female college students. *Journal of Criminal Justice Education*, 18, 191-208. Doi: 10.1080/10511250701383327.
- Lisboa, M. (Coord.) (2008). *Memorando síntese resultados do inquérito violência de gênero*. Universidade Nova de Lisboa.

- Linares, L. O. (2004). Social connection to neighbors, multiple victimization, and current health among women residing in high crime neighborhoods. *Journal of Family Violence, 19*, 355-366. doi: 10.1007/s10896-004-0680-y
- Maia A., Guimarães C., Magalhães E., Capitão L., Campos M. & Capela S. (2006). *Experiências adversas e funcionamento actual: um estudo com jovens portugueses*. VI Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia.
- Maia, A., & Resende, C. (2008). Dados de exposição potencialmente traumática na população Portuguesa utilizando as versões Portuguesas do life events checklist e life stressor checklist-revised. In Formas e contextos (eds.), *Actas da XIII conferência internacional da avaliação psicológica* (1-14). Braga: Psiquilíbrios edições.
- Matos, M, Conde, R., & Peixoto, J. (2013). Vitimação múltipla feminina ao longo da vida: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia & Sociedade, 25*, 602-611.
- Olsvik, V. M. (2010). *Multiple and Repeat Victimization of Women with Physical Disabilities*. Paper presented at the 11th European Conference on Traumatic Stress (ECOTS), Oslo, June 15-17, 2009. Consultado em 05 de Julho de 2013 em <http://www.ostforsk.no/notater/pdf/072010.pdf>
- Pereda, M., Forns, M., & Abad, J. (2013). Prevalencia de acontecimientos potencialmente traumáticos en universitarios españoles. *Anales de Psicología, 29*, 178-186.
- Pinto R. & Maia A. (2009). *Dos maus tratos na infância aos comportamentos aos comportamentos de risco na idade adulta: Um modelo concetual*. I Congresso Luso Brasileiro de Psicologia da Saúde.
- Scott-Storey, K. (2011). Cumulative abuse: do things add up? An evaluation of the conceptualization, operationalization, and methodological approaches in the study of the phenomenon of cumulative abuse. *Trauma, Violence, & Abuse, 3*, 135-150.
- Sousa, D. T. N. C. (2011). *Vitimação Múltipla em mulheres vítimas de Violência Conjugal: O cruzamento de experiências relatado na primeira pessoa* (Dissertação de mestrado). Universidade do Minho, Braga.
- Tomsich, E., Gover, A., & Jennings, W. (2010). Examining the role of gender in the prevalence on campus victimization, perceptions of fear and risk of crime, and the use of constrained behaviors among college students attending a large urban university. *Journal of Criminal Justice Education, 22*, 11-202. DOI: 10.1080/10511253.2010.517772.

Turner, H. A., Finkelhor, D., & Ormrod, R. (2006). The effect of lifetime victimization on the mental health of children and adolescents. *Social Science & Medicine*, 62, 13-27.

Turner, H. A., Finkelhor, D., & Ormrod, R. (2010). Poly-victimization in a national sample of children and youth. *American Journal of Prevention Medicine*, 38, 323–330. doi: 10.1016/j.amepre.2009.11.012

Widom, C. S., Czaja, S. J., & Dutton, M. A. (2008). Childhood victimization and lifetime revictimization. *Child Abuse & Neglect*, 8, 785-796.